



## GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -  
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -  
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira  
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -  
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -  
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de  
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

### **Do indivíduo ao grupo: a padronização dos sentimentos no contexto profissional de uma orquestra de música clássica**

**Autoria:** Guilherme Furtado Bartz

“A música expressa todas as emoções”. Essa frase, proferida pelo maestro da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro após um ensaio do grupo, resume a forte simbiose que existe entre o campo da música e o universo das emoções. Ser músico e trabalhar numa orquestra, tendo a arte sonora como profissão, equivale a estar diariamente em contato com esses dois mundos complementares. A presente proposta está embasada na etnografia que realizei em 2017 com os músicos da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, grupo musical erudito com mais de 30 anos de existência sediado em Porto Alegre, RS. Nessa investigação, que deu origem à minha dissertação de mestrado em Antropologia, procurei compreender como esses indivíduos formulam para si um entendimento de sua própria atividade profissional. Na construção identitária que efetuam a respeito do que significa “ser músico”, as emoções compartilhadas no fazer musical aparecem como um dos componentes essenciais. Para obter sucesso profissional, o músico precisa se envolver de corpo e alma ao tocar seu instrumento, seja num ensaio ou numa apresentação. Sua atitude e disposição genuínas influenciam diretamente no som que ele produz, que para ser bem valorado necessita de um grande dispêndio de energia física e sentimental. Nesse work, as partituras aparecem como agentes importantes. Ainda que ofereçam informações bastante precisas sobre como as notas devem ser tocadas, a linguagem musical escrita sempre apresenta alguma margem interpretativa que varia conforme a concepção individual de cada músico. Contudo, para tocar coletivamente é necessário criar uma série de consensos sobre como as sonoridades devem ser compreendidas, sentidas e performadas. Nas orquestras, ambientes fortemente hierarquizados no qual cada músico detém o seu lugar e posição, esse consenso é formulado quase sempre de cima para baixo: o maestro decide o que deve ser feito, cabendo aos músicos acatar suas orientações. O regente é o responsável por “traduzir” a linguagem musical instrumental, em essência abstrata e extremamente rica em possibilidades simbólicas, numa linguagem “emocional” que todos



compreendem. Ao dar um nome às sonoridades, mostrando a que tipo de emoção ou sentimento elas se vinculam, ele homogeneíza o work do grupo. No contexto de work da orquestra, a emoção sentida individualmente precisa alinhar-se com os anseios da coletividade, a fim de que todos possam trabalhar "num único sentido". Os músicos ?afinam? tanto seus instrumentos quanto seus sentimentos. Quando todos levam a sério esse objetivo, as emoções afloram a pleno. Nos ensaios e concertos é possível observar como essa troca de afetos por vezes resulta em momentos artísticos sublimes, nos quais a ?verdadeira música? ? expressiva na origem ? realmente se efetiva.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

